

# CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE CONTAGEM

---

## EXPERIÊNCIAS, SABERES E CONHECIMENTOS

A CRIANÇA, O CUIDADO E AS  
RELAÇÕES



**PREFEITURA  
CONTAGEM**

Uma cidade cada dia melhor.

# CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE CONTAGEM

---

## EXPERIÊNCIAS, SABERES E CONHECIMENTOS

**VOLUME 3:  
A CRIANÇA, O CUIDADO  
E AS RELAÇÕES**

2012



Uma cidade cada dia melhor.



## FICHA TÉCNICA

**PREFEITA MUNICIPAL**  
Marília Aparecida Campos

**VICE – PREFEITO**  
Agostinho da Silveira

**SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA**  
Lindomar Diamantino Segundo

**SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA**  
Dimas Monteiro da Rocha

**COORDENADORA DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA**  
Maria Elisa de Assis Campos

**REVISÃO**  
Luciani Dalmaschio

**PRODUÇÃO EDITORIAL**  
Fernanda Cristina Mariano Diniz  
Mário Fabiano da Silva Moreira

**AUTORAS DO DOCUMENTO**

**CONSULTORIA PEDAGÓGICA**  
Fátima Regina Teixeira de Salles Dias  
Vitória Líbia Barreto de Faria

### DIRETORIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Lucimara Alves da Silva  
Rosalba Rita Lima  
Valma Alves da Silva

### ASSESSORIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DOS NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

Cibelle de Souza Braga – NRE Industrial/Riacho  
Darci Aparecida Dias Motta – NRE Sede  
Érica Fabiana Beltrão Pereira – NRE Vargem das Flores  
Liliane Melgaço Ornelas – NRE Eldorado  
Maria Elizete Campos – NRE Petrolândia  
Micheli Virgínia de Andrade Feital – NRE Eldorado  
Sandro Coelho Costa – NRE Industrial/Riacho  
Sílvia Fernanda Mutz da Silva – NRE Ressaca/Nacional  
Sônia Maria da Conceição Félix – NRE Sede

### COLABORAÇÃO

Ghisene Santos Alecrim Gonçalves – NRE Ressaca  
Pauline Gonçalves Cardoso Duarte – NRE Nacional

### GRUPO DE TRABALHO RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO CADERNO A CRIANÇA, O CUIDADO E AS RELAÇÕES

Daniela de Souza Pessoa Buzato - Cemei Alice Ferreira Franca  
Elizângela Avelino Vieira Lourenço - E.M. Dora de Mattos  
Helen Dias Viana - CEI Disneylândia  
Liliane Melgaço Ornelas – Coordenação de Grupo  
Lucy Enoque Marinho - E.M. Josefina de Souza Lima  
Maria da Conceição Pires - CEI São Domingos Sávio  
Maria Ermelinda Soares - E.M. Francisco Borges da Fonseca  
Marília Viana Andrade - E.M. Dora de Mattos

### CO-AUTORAS

Profissionais da Educação Infantil da Rede Municipal e da Rede Conveniada de Contagem

## APRESENTAÇÃO

A publicação da coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** vem coroar o trabalho de reflexão sobre o currículo a ser desenvolvido com as crianças dessa etapa da Educação Básica, realizada pelas profissionais que atuam nas instituições de Educação Infantil públicas e conveniadas de Contagem.

A Coleção, construída a partir das dúvidas e inquietações das profissionais, tem como objetivo orientar o processo de elaboração da proposta curricular de cada instituição, fomentando a discussão sobre a prática educativa. Essa atitude democrática de construção coletiva é uma das marcas da política municipal que estamos gestando na cidade e que visa à garantia do direito da criança a uma Educação Infantil de qualidade.

A proposição de um currículo para a Educação Infantil, consubstanciada na Coleção que ora apresentamos, pretende ser um material aberto, flexível, coerente com as concepções de criança, de infâncias, de Educação Infantil, de aprendizagem e desenvolvimento que a política municipal de educação defende, além de provocar a articulação entre teoria e prática, explicando os objetivos, os saberes e conhecimentos que possibilitaremos que as crianças vivenciem nas nossas instituições.

A Coleção, ao provocar a reflexão e ao desconstruir propostas prescritivas que meramente apontam conteúdos a serem desenvolvidos, busca uma relação interativa com a profissional que atua na Educação Infantil. Nosso objetivo é possibilitar às crianças contagens experiências que as toquem, as transformem e as considerem cidadãs. Experiências que serão plurais, variadas, diversas, assim como o são as propostas pedagógicas que desenvolvemos na cidade, que têm como eixo comum a formação humana dessa criança, considerando sua especificidade e as concepções que acreditamos.

Esperamos que a leitura dos cadernos da coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** estabeleça um diálogo fértil sobre a Educação Infantil em nossa cidade. Um diálogo que garanta tempos e espaços para a vivência de uma infância cidadã, na qual a criança possa se apropriar do mundo e da cultura, tornando-se cada vez mais humana.



Lindomar Diamantino Segundo  
Secretário de Educação e Cultura



Marília Campos  
Prefeita de Contagem

Contagem. Minas Gerais. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

A criança, o cuidado e as relações - Contagem: Prefeitura Municipal de Contagem, 2012.

ISBN Coleção: 978-85-60074-08-2

ISBN Volume: 978-85-60074-11-2

32 p.: il. - (Currículo da Educação Infantil de Contagem, 9).

1- Educação Infantil. 2- Currículo. 3- Cuidado. 4- Autoconhecimento. 5- Campos de experiências. I- Título. II- Série.

CDD: 372.21



## A CRIANÇA, O CUIDADO E AS RELAÇÕES

O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.

Leonardo Boff



2012

### DELIMITAÇÃO

Este campo de experiência, na Educação Infantil, diz respeito a aspectos afetivos e socioculturais da formação humana. Trata do autoconhecimento, da auto-organização, do cuidado e do autocuidado, da relação entre o eu e o outro, bem como de aspectos filosóficos e éticos.

### 1 FUNDAMENTAÇÃO

#### 1.1 O que é esse campo de experiência e qual o seu significado?

Para tratar desse campo de experiência é necessário nos perguntarmos: como se chega a ser o que se é? O que influencia a construção das identidades, a crença em determinados valores e a adoção de algumas posturas?

A reflexão sobre essas questões nos convoca a compreender o processo de desenvolvimento humano, sendo necessário considerarmos os elementos que, desde o nascimento, marcam a história do sujeito: o desenvolvimento físico e mental, as situações vivenciadas, as pessoas com as quais convive e os lugares nos quais vive. É preciso pensar como tudo isso contribuiu e ainda contribui para a construção das identidades.

Conforme o caderno *Discutindo o currículo da Educação Infantil de Contagem*, desta Coleção, o período de 0 até 6 anos de idade é de extrema importância no desenvolvimento humano. Nessa fase, toda criança tem uma plasticidade cerebral maior do que em qualquer outro momento da vida, o que, potencialmente, traz maiores possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento. No que diz respeito à criança com deficiência, essa plasticidade cerebral “permite que as áreas do cérebro destinadas a uma função específica possam assumir outras funções.” (LIMA, 2008). Como o cérebro infantil tem mais possibilidades de formar conexões entre os neurônios, a criança tem maior facilidade para compreender e aprender, o que deve ser possibilitado por meio de experiências significativas. Para construir uma imagem positiva de si, ela precisa interagir com outras pessoas e com o meio natural e social, além de ser desafiada e de ser valorizada nas suas tentativas e conquistas.

Desde que nascem, as crianças estão inseridas num mundo repleto de significados simbólicos constituídos culturalmente e são influenciadas pelas expectativas criadas em relação a elas e ao seu desenvolvimento. Segundo Charlot (2000, p. 53), “nascer é penetrar nessa condição humana. Entrar em uma história, a história singular de um sujeito inscrita na história maior da espécie humana. Entrar em um conjunto de relações e interações com outros homens”.

As crianças precisam conhecer e significar este mundo, descobrindo como ocupar um lugar singular nele, construindo sua identidade e se diferenciando do outro. Isso se dará de forma processual, por meio das interações estabelecidas com os adultos e com outras crianças, da imitação/repetição, da exploração/experimentação, do brincar, da afetividade/aconhego e dos cuidados básicos de saúde, alimentação, higiene e segurança.

Nesse processo, a criança, ainda dependente do adulto para sua sobrevivência, vai estabelecendo um vínculo afetivo com quem cuida dela. De acordo com Wallon, essa afetividade possibilita um diálogo ainda não-verbal, marcado por gestos, expressões e toques que darão sentido às ações da criança. Assim, o cuidado e as relações que os adultos estabelecem com as crianças serão mediadores do seu desenvolvimento. Esses cuidados são marcados por aspectos afetivos, sociais e éticos, que possibilitarão a inserção dessa criança na cultura e, ao mesmo tempo, contribuirão de maneira significativa para o seu autoconhecimento, o conhecimento do outro, o aprendizado do autocuidado, o conhecimento de seu corpo e a construção de suas identidades. Conhecer a si próprio e ao outro é condição fundamental para o desenvolvimento pleno e integral da pessoa humana. São processos que estão interligados e dependem dos recursos afetivos, cognitivos e sociais presentes em cada indivíduo.

É comum ouvirmos que o cuidado com as crianças é algo natural e instintivo que não precisa de reflexão ou formação para ser realizado. Contrariando esse pensamento, os conhecimentos atuais sobre essa faixa etária mostram que as ações de cuidado devem ser abordadas na instituição de Educação Infantil de forma planejada e intencional e vistas como conteúdos importantes a serem trabalhados com todas as crianças, sem distinção, e não só com as crianças de 0 a 3 anos.

A palavra cuidado vem do latim “cura”, “coera” e significa amor e amizade. Provém ainda de “cogitare-cogitatus” com o sentido de cogitar, colocar atenção, ter interesse, desvelo e preocupação. O significado etimológico da palavra cuidado aborda 3 aspectos: ter atenção ou preocupação; ter responsabilidade por ou sentir uma inclinação/preferência; e respeitar/ter consideração, no sentido de ligação de afeição, amor, carinho e simpatia. Nesse sentido, o cuidado pressupõe a preocupação com o outro, traz a ideia de interação entre quem cuida e quem é cuidado, que se humanizam nesse processo, revelando inquietação e responsabilidade. O cuidado implica a ideia de fazer, de ação. Tem, então, como princípio a cooperação, a valorização da vida, a diversidade e a solidariedade, contribuindo para o desenvolvimento humano. De acordo com Boff (1999),

O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano. Sem o cuidado, ele deixa de ser humano. Se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde sentido e morre. (p.34)

Cuidar então, significa uma atitude à qual está associada a responsabilidade, o respeito e o conhecimento da criança. Cuidar-educar é um processo de aprendizagem e desenvolvimento que assume a integralidade da criança como elemento fundamental. A relação existente caracteriza-se por estar com a criança, ou seja, o adulto que cuida interage com a criança, no mundo dela. Ambos são participantes num processo de descoberta e de aprendizagem mútua. A atitude de cuidado do adulto envolve, pois, compartilhamento, envolvimento, receptividade e conscientização como forma de garantir vivências, no espaço educativo, pautadas no respeito mútuo e na construção de práticas não discriminatórias, excludentes ou racistas.

Quando enfatizamos que o educar-cuidar, na Educação Infantil, ocorre de forma indissociável, não estamos propondo a simples transposição do cuidado doméstico da família para a instituição, mas procurando garantir uma prática educativa que possibilite à criança fazer leituras da realidade e se apropriar de saberes e conhecimentos. Nessa perspectiva, o cuidado é um processo interativo, dinâmico, de presença, de envolvimento e de co-responsabilidade entre as crianças, a família e as profissionais da Educação Infantil, em que ocorre uma troca de sentimentos, valores, conhecimentos e saberes. Significa “compreender nossas crianças negras, indígenas, brancas, mestiças, orientais em suas particularidades e direitos”. (SANTANA, 2010, p. 17). Cuidar da criança para Rosemberg significa:

Atender às suas necessidades de proteção, segurança, bem-estar, saúde. Estar atento a seus afetos, emoções e sentimentos, às relações com os outros, com as coisas, com o ambiente. Planejar um espaço que estimule sua inteligência e imaginação, que permita descobertas e aguçar sua curiosidade. (ROSEMBERG, 1999, p.23 *apud* MACEDO; DIAS, 2006, p. 3).

Cada vez que a criança sente fome, desconforto, insegurança, medo ou incerteza, ela precisa significar essas sensações e encontrar respostas que solucionem suas necessidades e desejos. “Desde o nascimento, as condições materiais e afetivas de cuidados são marcantes para o desenvolvimento saudável da criança”. (SANTANA, 2010, p. 18). Nesse processo, enquanto a criança não se diferencia do outro, essa busca é voltada para si, o que só se modifica em consequência das interações que ela estabelece com outras pessoas.



É com o outro, pelos gestos, pelas palavras, pelos toques que a criança construirá sua identidade e será capaz de representar o mundo, atribuindo significados a tudo que a cerca. Seus conceitos e valores sobre a vida, o belo, o bom, o mau, o feio, entre outros começam a se constituir nesse período. (SANTANA, 2010, p. 18).

Assim, podemos afirmar que o tornar-se humano é um processo constituído por um sistema de significação, no qual o sujeito se diferencia do outro, diz quem ele é, quem são os outros e o que é o mundo.

## **1.2 Como o conhecimento sobre esse campo de experiência foi construído historicamente pela humanidade?**

Construída socialmente, a história da infância foi sendo alterada de acordo com a história da humanidade e sendo marcada por fatores políticos, culturais, econômicos e históricos. Conhecer essa história possibilita a compreensão das práticas educativas atuais e a reflexão sobre o impacto que exerceram na formação das crianças. Nem sempre as crianças foram vistas como sujeitos de direitos e produtoras de cultura; cuidar delas não tinha um caráter educativo.

Na Pré-história, não havia uma distinção clara de papéis, todos auxiliavam nos cuidados básicos dos mais novos, que eram protegidos e alimentados pelos mais velhos. Com a descoberta da agricultura, da criação de animais, das ferramentas e do metal, o homem passou a interferir na natureza e a fixar moradia, iniciando práticas sedentárias. Com isso, uma nova organização social foi estabelecida, o que gerou inúmeras transformações nos modos de vida. O homem começou a produzir mais do que o necessário para sua sobrevivência, passando a acumular alimentos, o que impulsionou o crescimento populacional e o surgimento do comércio. Pouco se sabe sobre as crianças nessa época; o que se tem são vestígios de seu modo de vida, já que não havia registros escritos.

Na Idade Média, a mortalidade infantil era muito alta e um dos fatores que contribuía para isso era a aglomeração de pessoas em cidades, o que gerava condições higiênicas precárias e um número crescente de epidemias. Porém, o sentimento de perda das famílias era minimizado pelo fato de a Igreja preconizar que a morte das crianças significava a volta de um “anjinho” para o céu (MILBRATH, 2008). É importante destacar que a sociedade medieval era marcada por uma rígida hierarquia (nobreza, clero e servos), o que fazia com que as crianças tivessem tratamentos diferentes de acordo com a classe social a que pertenciam. Portanto, ainda que todas elas fossem vistas como adultos em miniatura e participassem de práticas próprias do mundo adulto, somente as pobres trabalhavam.

Na Idade Moderna, as práticas em relação à criança sofreram alterações e ela passa a ser diferenciada do adulto, o que gera uma concepção de que deveria ser cuidada para chegar à vida adulta. A família e a igreja assumem a função de cuidar das crianças e educá-las, impondo-lhes disciplina e garantindo-lhes proteção. Diante da necessidade de formar as crianças e doutriná-las, são criadas as primeiras instituições educacionais para torná-las “adultos instruídos”.

Nesse contexto, tanto a Reforma quanto a Contrarreforma defendem a escolarização, entendendo a escola como um espaço no qual crianças e adultos pudessem aprender formalmente os ensinamentos religiosos. Dessa forma, consolida-se a ideia de que escolarizar as crianças é ensiná-las, moralizá-las e discipliná-las.

Concomitantemente, ganha força a ideia de que as crianças pequenas precisavam de cuidados especiais desde o início da vida e que, para resguardar sua pureza e garantir que se transformassem em adultos melhores, não deveriam saber de algumas coisas que pertenciam ao mundo dos mais velhos. Dessa forma, os filhos de famílias mais nobres e abastadas começaram a receber uma instrução em consonância com uma nova visão de criança e de infância que se consolidava.

Com a Revolução Industrial, o modo de produção doméstico foi substituído pelo sistema fabril, provocando uma reorganização social na qual homens, mulheres e crianças pobres formavam um contingente de mão de obra. Como as mães que trabalhavam nas fábricas não tinham com quem deixar as crianças pequenas que ainda não podiam acompanhá-las, outras mães ficavam responsáveis por abrigar os filhos das operárias e cuidar deles. Diante dessa realidade, vão aparecer outros serviços para atender essas crianças. Segundo Craidy e Kaercher (2001), as creches e pré-escolas surgiram depois das escolas e têm sido, a partir da Revolução Industrial, muito associadas ao trabalho materno fora do lar.

Portanto, as creches, escolas maternais e jardins de infância tiveram, no seu início, um objetivo assistencialista, cujo enfoque era a guarda, a higiene, a alimentação, os cuidados físicos e a formação de valores morais das crianças. A maior parte das instituições trabalhava de forma intuitiva e pouco formal, limitando-se à organização cotidiana.

No Brasil, as primeiras instituições para a criança tinham um cunho higienista; o atendimento era realizado por médicos e damas beneficentes e objetivavam diminuir o alto índice de mortalidade infantil.

Com a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, a sociedade brasileira inicia uma nova fase com fortes marcas das ideias capitalista e urbano-industrial. Dessa forma, as primeiras creches tinham a finalidade de atender às necessidades básicas de alimentação, higiene e segurança física dos filhos das empregadas domésticas e das mulheres que trabalhavam nas indústrias.

A partir dos anos 1930, surgem, então, vários órgãos assistenciais e jurídicos voltados para a infância, como o Departamento Nacional da Criança (1940); Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (1972); Serviço de Assistência ao Menor - SAM (1941) e Fundação Nacional para o Bem-estar do Menor - FUNABEM (1964); Legião Brasileira de Assistência (1942) e Projeto Casulo; UNICEF (1946); Comitê Brasil da Organização Mundial de Educação Pré-Escolar (1953); Campanha Nacional de Alimentação Escolar - CNAE (1955); Organização Mundial para Educação Pré-Escolar - OMEP (1969); Coordenadoria de Educação Pré-Escolar - COEPRE/MEC (1975). Além disso, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) ampliou, na década de 80, o atendimento às crianças em idade pré-escolar.

Na década de 1970, chegam ao Brasil as ideias de uma educação compensatória, cuja proposta era resolver os problemas

educacionais causados pela suposta carência intelectual e cultural das famílias mais pobres. As crianças das classes populares passam a ser chamadas de “carentes” e a serem vistas como aquelas às quais faltam algumas características básicas para adquirirem sucesso, como a falta de instrução e cultura de sua família e de sua classe social.

Assim, a pré-escola deveria auxiliar a sanar essas carências, dando a essas crianças novas oportunidades de sucesso escolar. Já naquela época, essas ideias foram muito criticadas por estudiosos e pesquisadores, que começaram a construir uma nova concepção segundo a qual a criança passa a ser considerada sujeito sócio-histórico e cultural que apresenta especificidades no seu desenvolvimento. Paralelamente, os movimentos sociais, sobretudo de mulheres trabalhadoras, passam a reivindicar creches para os filhos das mulheres das classes populares.

Em Contagem, no contexto dos movimentos sociais de luta por melhores condições de vida e de trabalho, o Movimento de Luta Pró-creche (MLPC) criou, no final dos anos 1970, algumas iniciativas, pioneiras no Brasil, para garantir a guarda, o cuidado e a educação dos filhos pequenos das mulheres que trabalhavam nas fábricas do Pólo Industrial Juventino Dias. Como o atendimento público ainda era muito precário, houve a ampliação do atendimento em creches e centros infantis comunitários. Porém, tal atendimento era baseado no modelo familiar e havia pouca exigência de escolaridade ou formação profissional para os adultos que lidavam com as crianças.

Aos poucos, foram surgindo outras instituições, que exigiam baixos investimentos públicos (associações comunitárias e salões paroquiais, por exemplo) e que faziam parte do Projeto Casulo da LBA e do Mobral. Desse movimento, surge o convênio com a Prefeitura de Contagem.

A Constituição de 1988 determina que a Educação Infantil (creche e pré-escola) é direito de todos, é dever do Estado e faz parte do sistema de ensino. Pouco tempo depois, o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA), de 1990, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96) reforçam e asseguram os direitos da criança, avançando no terreno das conquistas para a infância.

Assim, o artigo 29 da LDBEN 9394/96 afirma que “a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico e social, complementando a ação da família e da comunidade”. (BRASIL, 1996).

Portanto, a educação das crianças de 0 até 6 anos de idade é incluída na política educacional numa perspectiva pedagógica e não mais assistencialista, com a função de complementar a ação da família. Nesse contexto, delinea-se a ideia de que a instituição de Educação Infantil seja espaço privilegiado de promoção do cuidado, mas também da educação.

Mas, mesmo antes da LDB, a instituição de Educação Infantil já vinha sendo concebida, em publicações acadêmicas e oficiais, como um espaço de educação e cuidado, dimensões que deveriam ser trabalhadas de maneira indissociável, de modo a promover a autonomia, a construção das identidades, a apropriação de práticas culturais, o estabelecimento de



relações éticas e afetivas, dentre outros aspectos. Entretanto, ainda hoje, essas ideias não foram totalmente incorporadas na prática de muitas instituições, nas quais há uma fragmentação entre as ações de educação e cuidado. Nessas instituições, as ações de educação são vistas como atividades estritamente voltadas à escolarização e as de cuidado se restringem aos cuidados básicos. Ainda não há uma percepção clara de que a forma como a IEI desenvolve os cuidados no seu cotidiano pode educar para o fortalecimento de uma identidade autônoma, crítica, ética e para a construção de uma autoimagem positiva ou pode educar para a passividade, a submissão, o disciplinamento e para a construção de uma autoimagem negativa.

Mais recentemente, em 2009, foi publicada a Resolução 05, do Conselho Nacional de Educação, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e traz novos olhares sobre essa etapa da educação básica, considerando-a em todas as suas possibilidades de interação. O artigo 9 dessa resolução diz respeito ao currículo a ser desenvolvido nas instituições de Educação Infantil. Merecem destaque os incisos desse artigo que dizem respeito às relações e aos cuidados de si e do outro:

As práticas da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

[...] V - ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;

VI - possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;

VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade. (BRASIL, 2009, p.4).

Frente ao exposto, pode-se afirmar que o currículo de uma instituição de Educação Infantil deve reservar espaço para atividades que promovam o autoconhecimento e o autocuidado, a auto-organização, o cuidado do outro, bem como a reflexão sobre a diversidade e os aspectos filosóficos e éticos da vida humana.

### **1.3 Como a criança aprende, se desenvolve e torna-se progressivamente humana, por meio desse campo de experiência?**

A partir de sua constituição biológica, de seu desenvolvimento no convívio com outras pessoas e das relações que estabelece no espaço em que está inserido, o sujeito inicia, ainda criança, sua participação na vida social, na qual assume papéis e constrói as características individuais que o tornam único.

Assim, a criança vai, desde bebê, experimentando seu corpo em relação ao espaço e às outras pessoas e a formação de

identidades é fortemente influenciada por essa possibilidade de se relacionar e de interagir com os diversos elementos do ambiente social e cultural. Assim, os momentos em que o bebê recebe cuidados são ricos de significações; todo toque físico, as verbalizações, os olhares, os gestos, as cantigas, as histórias contadas, a brincadeira, os momentos de alimentação, de banho e de acolhida são favoráveis à construção de laços afetivos e ao desenvolvimento da noção do eu.

Como ainda não desenvolveram a linguagem oral, os bebês, para satisfazer suas necessidades físicas, afetivas e emocionais, procuram estabelecer uma comunicação com os adultos por meio de movimentos, gestos, sons, balbucios, choros e sorrisos, ou seja, utilizam-se da linguagem corporal e da emoção. Quando o bebê chora, por exemplo, o adulto que cuida dele logo procura saber se algo o incomoda, se a fralda está suja ou molhada ou se a criança está com fome, entendendo que o choro é a forma que ele encontra para dizer que alguma coisa não está bem.

Portanto, a criança começa a conhecer seu próprio corpo e suas potencialidades nas relações que ocorrem durante as ações de cuidado, criando formas próprias de agir, sentir, pensar e se comunicar com o mundo. Durante a amamentação, segurar o seio materno e realizar o movimento de sucção faz com que o bebê perceba e estruture seus primeiros movimentos. Nos momentos do banho, as reações do bebê quando são colocados na banheira nos primeiros dias de vida são de choro, estranhamento e medo. No início, ele bate os braços, fecha fortemente as mãos e demonstra insegurança, mas depois começa a perceber seu corpo, vivenciado sensações de prazer com a temperatura ou com a textura da água ao ser imerso nela, demonstrando grande satisfação em estar na água morna.

A troca de fraldas propicia a experiência de higiene e de proteção da pele e elimina o desconforto de estar molhada ou suja, auxiliando na percepção da sensação de estar seca ou molhada. Na medida em que vai adquirindo maior independência, a criança vai ampliando as experiências de cuidado e de autocuidado. O desenvolvendo físico e a interação com o adulto e com outras crianças mais experientes possibilita que ela se aproprie, aos poucos, das práticas culturais de alimentação, higiene, sono, entre outras, ampliando seu conhecimento sobre o mundo e sobre si. Dessa forma, a criança passa a se sentir mais confiante e a reconhecer suas possibilidades e conquistas, descobrindo, organizando e significando o ambiente em que está inserida, o que a torna, progressivamente, mais humana.

Esse processo deve ser cercado de afetividade, pois o vínculo afetivo é essencial à construção da identidade e à conquista da autonomia. De acordo com Santana,

Em todas as dimensões do cuidar e do educar, é necessário considerar a singularidade de cada criança com suas necessidades, desejos, queixas, bem como as dimensões culturais, familiares e sociais. O ato de cuidar e educar faz com que ocorra uma estreita relação entre as crianças e os adultos. E as crianças precisam de educadores afetivos que possibilitem interações com o mundo. (SANTANA, 2010, p. 18)

Além disso, as relações afetivas proporcionam segurança, acolhimento e bem estar, promovendo novas conquistas e descobertas. Se uma criança que está deixando de usar fraldas vê outras usando o penico ou o vaso sanitário, ela vai, aos poucos e pela imitação, deixando de fazer xixi no chão ou na roupa. Começa a perceber, na interação com as outras mais

experientes, que o lugar certo para fazer xixi e cocô, na nossa cultura, é o vaso sanitário. Quando já é capaz de ficar em pé sozinha, ela já pode, durante o banho, a partir do estímulo do adulto ou de outras crianças, se ensaboar sozinha, abrir e fechar o chuveiro, tentar se secar e vestir sua roupa.

Esses exemplos ajudam a perceber que as atitudes de cuidado possibilitam à criança desenvolver o autoconhecimento, perceber a importância desse saber para o seu bem estar e construir, progressivamente e à medida em que se torna mais independente, a noção de autocuidado adequada à cultura na qual está inserida. As experiências de cuidado, organização e autocuidado devem ser ampliadas, mas respeitando o desenvolvimento físico e mental da criança para que ela possa realizar, gradativamente, com independência e autonomia, todas as tarefas imprescindíveis para o seu bem estar.

As situações diárias fazem com que a criança construa novos conceitos e reformule ou consolide os que já possuía, sendo essas situações de extrema importância na formação de identidades. Ao interagir com outras crianças, seja nos momentos de cuidado, seja na disputa por um brinquedo, seja ao convidar outra criança a participar de uma brincadeira, ela vivenciará experiências de cooperação, de desconforto, de privação, de conquista, de conflitos ou de ajuda. Mediadas ou não pela ação do adulto, essas momentos vão proporcionar à criança a possibilidade de agir com autonomia e independência na busca de soluções para seus desejos e conflitos.

Nessas situações de interação, a criança vai, aos poucos, aprendendo a conviver em grupo, percebendo que é necessária a construção de regras e combinados para um convívio coletivo ético e que, em alguns momentos, o desejo do coletivo vai prevalecer sobre o dela. Passa a perceber que, muitas vezes, terá de ouvir e respeitar a opinião dos outros porque também quer ser ouvida e respeitada, sobretudo porque quer e gosta de estar junto com outras pessoas, participando de atividades e brincadeiras que lhe proporcionam grande prazer. Isso possibilita o crescimento pessoal, pois a criança aprende a cooperar e a buscar formas de se posicionar diante do grupo e de expor seus sentimentos e interesses. É importante que isso ocorra em um ambiente afetivo e organizado, para que cada criança sinta que é ouvida e que é respeitada em sua individualidade.

É importante destacar que a maneira como cada criança se vê depende também de como é recebida e vista pelos que convivem com ela. Se ela não for aceita ou se sentir excluída de alguma forma, seja em função de alguma diferença física, de raça, de cultura ou de religião, isso pode trazer consequências, uma vez que ela está em pleno processo de construção de suas identidades. Dessa forma, a criança passará a ter como referência o conceito que lhe é apresentado e pode sofrer muito se não se sentir pertencente ao grupo com o qual convive, encontrando dificuldades que poderão permanecer pela vida inteira. “O acolhimento da criança implica o respeito à sua cultura, corporeidade, estética e presença no mundo.” (SANTANA, 2010, p. 18).

Outro ponto importante na construção de identidades da criança e nas relações que são estabelecidas com os outros são as dúvidas que as crianças apresentam em relação ao mundo e às coisas que não são concretas. É comum ouvirmos das crianças, dentre outros, os seguintes questionamentos: De onde viemos? Para onde vamos? Quem é Deus? O que é a morte? O que é o inferno? Por mais difícil que seja dar resposta, é importante considerar que esses questionamentos fazem parte da construção da identidade das crianças e da elaboração das hipóteses que elas estão construindo sobre o mundo;

seus valores e conceitos serão elaborados a partir das respostas que encontrarem para essas e a tantas outras questões.

Portanto, é preciso estar atento para não negar a elas a possibilidade de ampliar os conceitos, sendo imprescindível que a pergunta seja, no mínimo, ouvida e, de preferência, respondida com a maior sinceridade possível, o que inclui dizer “não sei” ou “há várias explicações para isso...”. Contudo, não se pode interferir na orientação religiosa que a criança recebe em casa e nem perder de vista o caráter laico das instituições educativas no Brasil.

Como dissemos, são os aspectos biológicos, naturais e sociais que definirão o desenvolvimento humano. Piaget, Vygotsky e Wallon deram importantes contribuições nesse sentido, defendendo a ideia de que o conhecimento e a aprendizagem se dão nas trocas entre o sujeito e o meio social. Esses autores enfatizam que o desenvolvimento humano ocorre nas interações, nas quais o sujeito constrói o conhecimento de si, se diferencia do outro e significa de maneira singular o mundo que o cerca.

Ao ingressar na instituição de Educação Infantil, a criança se depara com um universo social diferente do da família. Nesse espaço, ela vai estabelecer novas relações e interações, ampliando seus conhecimentos a respeito de si e dos outros. No novo meio, as possibilidades de contatos diversificados se expandem, sendo necessária a adaptação ao ambiente e a construção, com as profissionais da Educação Infantil e com as outras crianças, de vínculos diferentes daqueles estabelecidos com os familiares. Esse convívio é importante para o desenvolvimento da criança, pois promove novas experiências e vivências culturais, além de permitir a construção de novos hábitos, atitudes e valores.

No dia a dia da instituição de Educação Infantil, podemos perceber que crianças e adultos convivem entre si, conhecem mais uns aos outros e, juntos, conhecem um mundo de coisas, o que torna muito rica a aprendizagem infantil. Essa convivência colabora também para que as crianças identifiquem seus próprios desejos, compreendam suas necessidades e aprendam a considerar as necessidades e os desejos das outras pessoas, crianças e adultos.

A relação entre as crianças encontra condições favoráveis, entre outros, nos momentos de brincadeira, nos espaços coletivos e abertos, nas atividades de educação e cuidado, atividades que vão oportunizar um contato mais estreito consigo e com outras crianças da mesma idade e de idades diferentes. Essa relação dificilmente ocorre sem conflitos e/ou negociações, porém permite descobrir as diferenças e as similaridades e deve ser tratada, no contexto educativo da Educação Infantil, como “conteúdo” que propiciará a construção de procedimentos e atitudes fundamentais à vida em coletividade, como troca, colaboração, ajuda, cooperação, solidariedade e respeito. Além disso, a criança pequena precisa de parcerias para desenvolver as diversas linguagens, principalmente a oral, sendo fundamental reconhecer as outras crianças como parceiros competentes. A diversidade de parceiros e experiências potencializa a interação e desencadeia uma ação compartilhada na qual a criança pequena acaba por desempenhar ações que pareçam estar além de suas capacidades reais. As crianças, quando interagem com outras de idades diferentes, se diferenciam do outro, construindo suas identidades e adquirindo níveis crescentes de independência e autonomia.

Vygotsky, ao construir o conceito de sociointeracionismo, defende que o ser humano é o resultado da interação com o



meio em que vive. Nessa perspectiva, para que o desenvolvimento de uma criança se potencialize, é preciso que ela se relacione com outras. É dele também o conceito de zona de desenvolvimento proximal, que é a distância entre aquilo que um indivíduo já sabe fazer sozinho e o que é capaz de realizar com a ajuda do outro. Com base nisso, depreende-se a ideia de que as crianças precisam se relacionar não apenas com seus pares, mas também com as crianças mais velhas e com adultos, que fazem coisas que os menores ainda não conseguem realizar sozinhos.

Quando convive em um meio sobre o qual pode agir, discutir, decidir e realizar com seu grupo, a criança vivencia experiências favoráveis à sua aprendizagem. As relações entre as crianças no cotidiano das IEI acontecem o tempo todo. Se, por exemplo, um bebê está chorando e outra criança logo coloca uma chupeta na boca do pequenino, essa atitude não tem a intenção de silenciar a gritaria, mas de cuidar do bebê assim como a própria criança foi e é cuidada; trata-se de uma manifestação de preocupação com o bem-estar alheio. Reconhecer o outro e cuidar dele, portanto, são atitudes que as IEI devem trabalhar permanentemente.

A troca de experiências em sala também é uma rica fonte de aprendizado e pode se tornar ainda mais produtiva quando há o convívio entre crianças de idades diferentes. Se os agrupamentos são por faixa etária, é necessário organizar momentos de convivência entre os mais velhos e os menores, o que promove o avanço de todos.

Em uma brincadeira de faz de conta, por exemplo, os mais novos têm o hábito de imitar os maiores, mas o caminho inverso também acontece: a criança maior percebe que a mais nova é diferente dela e que, por isso, possui características que precisam ser respeitadas. Assim, a interação tem peso importante na construção do conhecimento e, ao mesmo tempo, na formação humana.

Ao se relacionar, vivenciar, construir, refletir, aprender, discutir e ouvir, a criança se constitui como sujeito único, com sentimentos, atitudes, valores e posturas próprios; amplia suas relações e os conhecimentos sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo que a cerca, tornando-se cada vez mais humana.

## 2 OBJETIVOS

A Educação Infantil, em relação ao cuidado e às relações, deve possibilitar às crianças:

- construir progressivamente, uma identidade autônoma e crítica.
- reconhecer seu corpo e suas potencialidades.
- desenvolver a independência no cuidado com seu corpo.
- desenvolver hábitos de autocuidado, aprendendo a cuidar de si e valorizando atitudes relacionadas ao bem-estar,



à saúde, à higiene, à alimentação, ao conforto, à segurança e à proteção do corpo.

- desenvolver a capacidade de se auto-organizar e organizar o ambiente.
- construir uma imagem positiva de si mesma, elevando sua autoestima.
- desenvolver os sentimentos de confiança e segurança, adaptando-se a situações novas.
- reconhecer e respeitar as diferenças entre as pessoas, valorizando suas individualidades.
- reconhecer a existência do outro como ser independente, com sentimentos, necessidades e desejos distintos dos delas.
- conhecer e construir regras coletivas que visem o bem comum.
- perceber-se como pertencentes a um grupo com regras e valores próprios.
- desenvolver a capacidade de trabalhar e conviver em grupo.
- perceber as diferenças e semelhanças (familiares, de gênero, de raça, de etnia e de religião) entre as pessoas.
- aprender a ganhar e a perder.
- aprender a lidar com as emoções e a expressar seus sentimentos, desejos e necessidades.
- construir atitudes éticas de solidariedade, cooperação e respeito ao outro.
- resolver seus conflitos utilizando o diálogo como forma de lidar com as dificuldades.
- aprender a adiar seus desejos, lidar com a frustração e desenvolver o autocontrole.





### 3 EXPERIÊNCIAS

Tendo a formação humana como eixo, a Educação Infantil deve, em relação ao cuidado e às relações, proporcionar às crianças a vivência de múltiplas experiências, tais como:

- Ser acolhida com afeto.
- Tocar e ser tocada (com consentimento).
- Dormir quando sentir sono.
- Tomar banho de sol.
- Banhar-se e ser banhada.
- Trocar a roupa.
- Alcançar objetos.
- Engatinhar.
- Ficar de pé.
- Explorar o ambiente (interno e externo) à sala de atividades e à instituição.
- Olhar-se no espelho.
- Diferenciar-se dos outros.
- Escovar os dentes.
- Pentear-se e ser penteada.
- Vestir-se e ser vestida.
- Calçar-se e ser calçada.
- Amarrar o cadarço de seu sapato.
- Cortar a unha.
- Usar o banheiro de acordo com as práticas de nossa cultura, fazendo uso de instrumentos e procedimentos ade-



quados (penico, vaso sanitário, papel higiênico, torneira, sabonete, dar a descarga, enxugar a mão, fechar a porta, e outros).

- Alimentar-se de acordo com as práticas de nossa cultura, fazendo uso de instrumentos e procedimentos adequados (usar talheres, copos, pratos, mamadeira, comer devagar, identificar a temperatura do alimento, sentar-se à mesa, servir-se sozinha, e outros).
- Participar da construção e fazer uso de combinados e regras coletivas que visem ao bem comum.
- Participar da definição da rotina do dia ou da semana, na rodinha da sala de aula;
- Usar expressões de cortesia (agradecer, pedir desculpas, pedir licença, cumprimentar, despedir-se, etc.).
- Resolver conflitos por meio do diálogo.
- Trabalhar em grupo.
- Conviver com outras crianças e adultos, construindo atitudes de respeito e cooperação.
- Conhecer diferentes espaços dentro e fora da IEI;
- Ouvir e ser ouvida.
- Falar.
- Ser chamada pelo nome.
- Comemorar seu aniversário.
- Compartilhar (lanche e brinquedos, por exemplo).
- Dividir tarefas.
- Colocar-se no lugar do outro.
- Cuidar dos objetos de sua estima e da estima do grupo.
- Guardar brinquedos e materiais.
- Conviver e saber respeitar a diversidade (racial, sexual, social, religiosa e física).



- Lavar as mãos (abrir a torneira, preservar a água como um bem natural).
- Perceber as necessidades do próprio corpo (fome, frio, calor, sede, cansaço, etc.).
- Dividir tarefas.
- Fazer trocas com o outro.
- Fazer escolhas.
- Ganhar e perder.
- Cuidar dos objetos de uso pessoal e de uso dos colegas.
- Solicitar e obter ajuda.



#### 4 SABERES E CONHECIMENTOS

A partir das experiências relacionadas acima e de muitas outras, as crianças poderão construir saberes e conhecimentos, tais como:

- Utilização de práticas culturais de higiene, alimentação, sono e, ainda, cuidado e organização do ambiente;
- Usos e funções dos instrumentos da cultura relativos à higiene, alimentação, sono e cuidado e organização do ambiente;
- Atitudes de autocuidado;
- Cuidado com objetos, com o outro e com o ambiente;
- Noções sobre a importância dos alimentos;
- Importância do autoconhecimento;
- Atitudes de auto-organização;
- Respeito por si mesmo e pelo outro;
- Respeito às diferenças;



- Atitudes de solidariedade, cooperação, companheirismo, e responsabilidade;
- Utilização do diálogo para a resolução de conflitos;
- Formas de expressão de desejos e necessidades;
- Importância do uso de expressões de cortesia;
- Estratégias para fazer e preservar amigos.

#### 5 DINAMIZAÇÃO DO CAMPO DE EXPERIÊNCIA DO CURRÍCULO NA RELAÇÃO COM OS ELEMENTOS DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Para trabalhar com esse campo de experiência, é fundamental que as profissionais que atuam na Educação Infantil conheçam as premissas básicas do interacionismo sobre o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Um suporte teórico que pode contribuir para essa reflexão são as ideias de Wallon sobre a evolução da criança. Esse autor vê a criança como um ser social em desenvolvimento e coloca sobre a importância das relações que ela estabelece e a considera em sua individualidade e em suas possibilidades.

As contribuições de Vygotsky também são valiosas para essas reflexões, especialmente no que se refere à importância das interações nos processos de aprendizado e desenvolvimento que constituem os humanos como sujeitos culturais. Da mesma forma, os estudos da sociologia da infância também podem colaborar para a compreensão da sociabilidade própria das crianças, sendo ainda indispensáveis conhecimentos relativos à prevenção e aos cuidados com a saúde das crianças, o que inclui noções de primeiros socorros.

Nesse sentido, a formação continuada das profissionais tem um papel fundamental para que eles possam atuar de forma consciente e intencional. Em seus estudos, Debortoli (2004) reflete que, em um processo coletivo de construção do conhecimento, a qualificação dos sujeitos envolvidos possibilita a reflexão sobre a prática e a construção da identidade profissional, sendo, portanto, uma tarefa permanente. Assim, torna-se indispensável conhecer a realidade, a fim de estabelecer a relação entre ela e os conhecimentos acadêmicos e propor um trabalho que valorize o ser humano como um todo. De acordo com Santana,

[...] a dimensão do educar e do cuidar deve ser ampliada e incorporada nos processos de formação dos profissionais que atuam na Educação Infantil, o que significa construir princípios para os cuidados embasados em valores éticos, nos quais atitudes racistas e preconceituosas não podem ser admitidas. Nessa direção, a observação atenciosa de suas próprias práticas e atitudes poderá permitir aos educadores rever suas posturas e readequá-las em dimensões não racistas. (SANTANA, 2010, p. 19)

Em relação à prática pedagógica, as educadores devem envolver as crianças nas atividades e favorecer o reconhecimento e o cuidado com o colega, chamando para levar uma fralda, para oferecer uma mamadeira, para tocar o outro com carinho e outras experiências que promovam o estabelecimento de vínculos e a interação.

A relação criança/adulto possibilita o reconhecimento de sentimentos, facilitando a expressão deles e ajudando a colocá-los em palavras. Além disso, garante o conhecimento das vivências infantis, a visualização de situações e sua compreensão, tornando tangível a busca de ações. Oferecer alternativas de interação cria um espaço no qual a criança pode expressar tudo o que é inerente ao desenvolvimento psico-afetivo; valores e meio ambiente complementam o trabalho educativo.

Sendo um espaço de vivências múltiplas, a instituição de Educação Infantil deve promover e intensificar cada vez mais as interações, possibilitando a exploração dos espaços, tendo em vista a necessidade da criança de conhecer a si, o outro e o mundo e de se expressar usando diferentes linguagens. As IEI enquanto espaços privilegiados de interações e ricos em múltiplas vivências devem promover intensificar e estar atentas às interações entre as crianças e adultos, possibilitando a exploração, tendo em vista a necessidade da criança de conhecer o mundo e de se expressar. Por isso, adultos e crianças, nas situações de conversa, higiene, brincadeira ou de aprendizagem orientada, devem interagir, comunicando-se e expressando-se das mais variadas formas, demonstrando seus modos de agir e sentir, estabelecendo, assim, um vínculo afetivo, e proporcionando às crianças a construção de suas identidades e sua autonomia.

A observação da profissional é fundamental para a percepção das fases, das rápidas mudanças no desenvolvimento das crianças e para a explicitação dos desafios que precisam ser propostos em cada momento. É fundamental conhecer, considerando as diferenças de cada idade, as características próprias de cada criança, não só no que diz respeito à cognição, mas também aos aspectos afetivos e relacionais. Também é necessário observar como ela lida com as dificuldades, desafios e frustrações, como manifesta seus desejos, como age para conseguir o que quer, que condições e que capacidade tem de se perceber, perceber o outro, de compartilhar, disputar e competir. As crianças necessitam se comunicar, ora devem trabalhar sozinhas, ora em grupos, o que irá produzir interações contínuas e permitir a construção de redes de trocas de experiências que se estendem para a família e para a comunidade.

É preciso entender que as situações que se criam no desenvolvimento das práticas educativas não devem ser direcionadas apenas à construção de conceitos e habilidades, mas principalmente para a construção de uma identidade pessoal pautada em princípios éticos. Cabe às educadoras que atuam na Educação Infantil garantir a integridade física e emocional das crianças, além de interagir com elas, assumindo papéis estratégicos para motivá-las e ajudá-las, para acalmá-las e confortá-las, propiciando ricas experiências de interação entre os diferentes sujeitos.

Conhecer o entorno da instituição e as características sócio-culturais das crianças possibilita à profissional superar a forma fragmentada de pensar as práticas, bem como reconhecer as crianças em suas individualidades. É também fundamental que a profissional tenha informações sobre as condições de saúde das crianças e sobre o acesso aos equipamentos sociais ligados à saúde.



Cabe à profissional da Educação Infantil observar, registrar e refletir, para avaliar e planejar e não para rotular. O movimento deve ser no sentido de perceber, de ver detalhes, avanços, constância de atitudes, permanências de dificuldades e, principalmente, mudanças. Tudo isso para pensar na forma e no momento adequados a uma intervenção que desafie a criança a desenvolver atitudes e procedimentos. A profissional deve refletir cotidianamente e buscar alternativas a partir da própria prática, avaliando constantemente suas ações e, assim, aprendendo.

As práticas pedagógicas das instituições de Educação Infantil devem assegurar às crianças um ambiente alegre, seguro, instigante, lúdico, de acolhimento, de construção de identidades autônomas e críticas e de interação das crianças da mesma idade e de idades diferentes e das crianças com os adultos e com as famílias.

Essas relações vivenciadas no cotidiano da Educação Infantil exigem dos adultos atitudes diante das quais as crianças se sintam seguras, confiantes, queridas, estimuladas e desafiadas, de maneira que tanto os adultos como as crianças sejam companheiros e sintam prazer em estar uns com os outros.

O adulto, na condição de mediador, deverá educar as crianças e cuidar delas, de maneira indissociável, facilitando as interações entre elas e delas com os objetos de conhecimento, numa ação sempre intencional e planejada. O adulto é figura significativa, ponto de referência, mediador e precisa ser um interlocutor ativo.

Pensar as relações que envolvem a dimensão afetiva, a saúde, a segurança, a alimentação, a interação, a brincadeira e o conhecimento de si, do outro e do mundo, entre outros, é primordial para a elaboração de uma proposta curricular que compreenda, conheça e respeite o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo.

Diante do exposto, é necessário que as profissionais:

- aceitem o choro da criança como manifestação de seus sentimentos, procurando compreender suas razões.
- acolham as crianças, cuidando delas e prestando atenção às suas emoções, na perspectiva de que aprendam a se conhecer e a se cuidar.
- reconheçam a criança como ser social, sujeito de direitos e produtora de cultura.
- construam laços afetivos com as crianças.
- ajudem as crianças na busca de conhecimento sobre si e na satisfação de suas necessidades básicas.
- preocupem-se com a segurança das crianças e com os espaços que elas utilizam.
- interajam com as crianças nas atividades desenvolvidas no cotidiano da IEI (sala de atividades, parquinho, pátio, vídeo, refeitório, biblioteca, brinquedoteca e outros).

- valorizem a autonomia e a iniciativa da criança, não fazendo por ela aquilo que for capaz de fazer sozinha.
- ouçam as crianças.
- promovam o diálogo entre as crianças e sejam mediadores na resolução dos conflitos diários.
- proponham situações de interação e troca entre crianças de diferentes idades.
- definam limites.
- favoreçam a construção da autonomia pelas crianças.
- estejam atentos às suas próprias atitudes para não reforçarem preconceitos e discriminações em relação a gênero, classe social, deficiências, e outros.
- combatam atitudes discriminatórias como no caso de crianças rejeitadas pelos colegas pela cor da pele, pelo cabelo crespo, por ser gorda, por usar óculos ou outros, acolhendo e ouvindo essas crianças e organizando propostas para tratar do assunto com todas as crianças.
- incentivem as crianças a se auto-organizarem e a organizarem o ambiente.
- criem espaços e situações que possibilitem a privacidade das crianças.
- possibilitem que as crianças tenham momentos em que brinquem sozinhas.
- possibilitem que as crianças tenham momentos em que brinquem juntas, construindo sua sociabilidade e fazendo amizades.
- busquem conhecer as histórias individuais de cuidados recebidos até o momento presente.
- valorizem igualmente as opiniões das crianças, sem compará-las.
- saibam respeitar a timidez ou o silêncio das crianças.
- tenham clareza da importância da linguagem, falada ou gestual, na construção das identidades das crianças.

## 6 REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete e WAJSKOP, Gisela. *Educação Infantil Creches*: atividades para crianças de zero a seis anos. São Paulo, Moderna, 2. ed.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*: ética do humano, compaixão pela Terra, Vozes: Petrópolis, 1999.

BONDIOLI, Anna. *Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

BRASIL. Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 1998.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CRAIDY, Carmen Maria; KAERCHER, Gládis Elise da Silva. *Educação Infantil pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

DEBORTOLI, José Alfredo. *Infâncias na creche*: corpo, memória e trajetórias na Educação infantil: um estudo de caso em Belo Horizonte. Rio de Janeiro: PUC/Rio, 2004. 231 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2004.

DE VRIES, Rheta; ZAN, Betty. *A ética na educação infantil*: o ambiente sócio-moral na escola. Porto Alegre: Artes Médica, 1998.

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon*: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes. 2. ed., 1995.

LIMA, Elvira Souza. *Como a criança pequena se desenvolve*. São Paulo: Sobraquinho, 2001.

\_\_\_\_\_. *Indagações sobre currículo*: currículo e desenvolvimento humano. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de. DIAS, Adelaide Alves. O cuidado e a educação enquanto práticas indissociáveis na Educação Infantil. 29ª Reunião Anual da Anped, Caxambu, MG, 2006. Disponível em: [www.apend.org.br](http://www.apend.org.br). Acesso em: 21 de nov. 2010.

MILBRATH, Viviane Marten. *Cuidado da família à criança portadora de paralisia cerebral nos três primeiros anos de vida*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.188 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. *A história da educação infantil no Brasil*: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. Histedbr. Campinas, n.33, p. 78-95, mar.2009.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Educar e cuidar como funções da educação infantil no Brasil*: perspectiva histórica. São Paulo: Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade de Campinas, 1999 (mimeo).

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. “Um abraço negro”: afeto, cuidado e acolhimento na educação infantil. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. (Orgs.). *Modos de brincar*: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (Coleção A cor da Cultura, v. 5).

SIGNORETTE, Adriana Elizabeth. et al. Educação e cuidado: dimensões afetiva e biológica constituem o binômio de atendimento. *Revista do Professor*. Porto Alegre, n. 72, p. 5 8, out./dez. 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1996.



Secretaria Municipal de  
Educação e Cultura



Uma cidade cada dia melhor.